

resenhas

texto, som, imagem, hipermídia





Cristalograma cinematográfico

HAROLDO DE CAMPOS

Cristais. Roteiro e direção de Josette Monzani (UFSCar).

Sinopse O vídeo tem por tema os mitos de Narciso e Eco, na perspectiva da Grécia arcaica, e questiona as relações existentes entre os dois e a criação/fruição da obra artística: a paixão pela imagem e pelos sons (reproduzidos) que o ser humano tem.

Ovídio (Publius Ovidius Naso, 43 AC — 18 DC) é o poeta da *metamorfose*, ou seja, da *trans-formação* das formas. O poeta está sempre falando de *formas em morfose*: “Quero falar de formas mudadas em novos corpos” (*In nova fert animas mutatas dicere formas corpora*).

Ora, mutação de formas, encarnar e desencarnar de corpos, in-corporar e desincorporar de pessoas (imagens, personagens: *personae*), isso é cinema. Pelo menos certo cinema radical, que experimenta com a linguagem fílmica, com signos de visualidade, com transformismos icônicos. Glauber, de *O Pátio, Câncer, Di, A Idade da Terra*; Júlio Bressane, de *O Anjo Nasceu, Matou a Família, O Monstro Caraíba, O Estrangulador de Louras, Vieira* (ou: *Grande Sermão: Vieira*, como eu teria gostado de batizar esse filme exponencial), o belíssimo *São Jerônimo* ambientado na aridez sertaneja; os vídeos galáticos: *Galáxia Albina* e *Infernalário — Logodédalo* ou *Galáxia Dark*; Sganzerla de *O Bandido da Luz Vermelha, A Mulher de Todos, Sem essa, Aranha*; mas, antes de todos eles, o pioneiríssimo *Limite* de Mário Peixoto, aliás expressamente homenageado — parodiado — por Bressane em *A Agonia*.

Essa a linhagem viva da luz-olho, da iconoscopia, do cinema *foto-epifânico*.

Josette Monzani, estudiosa de Glauber e também de Bressane, há longo tempo

impregnada dessa linhagem óptico-inventiva, apresenta em *Cristais* o seu primeiro vídeo-poema. Seus conhecimentos aprofundados da arte fílmica no plano teórico (e não esquecer que *teórico*, no caso específico da autora, reclama-se de sua etimologia grega, ou seja, do verbo *theôréō* / *tewrew*: “contemplar pelo entendimento”), Josette foi ao trans-mutante Ovídio para esse seu primeiro experimento videográfico, que, na verdade, não é obra de principiante, mas de amadurada conhecedora do campo dos estudos fílmicos, uma práxis-teórica, necessariamente.

Cristais é um poema em cristalogramas. Seus fotogramas não se articulam discursivamente, mas encerram uma verdadeira coreografia de signos. Narciso (o dançarino Álvaro Ribeiro, belíssima figura — um Narciso negro, esgalgue, de movimentos elegantíssimos, coroado de folhas verdes de samambaias) é amado pela ninfa Eco (gracioso desempenho da bailarina-atriz Luísa Figueira de Paula); primeiro, se envolve com ela; depois a rejeita, ao cair sob o fascínio ensimesmado de seu próprio rosto refletido num espelho d’água. A cor verde, vividente, como um rastro de esmeralda, pervade o rito icônico dos signos em morfose, em contraponto com o branco — escachoante ou apaziguado em lâmina plácida — da água, o tronco bruno-verdoengo das árvores e arbustos, o negro-cinza das pedras. Nesse décor, esvoaça, inconsolável — gaze branca qual gazela de éter — a desprezada Eco, enquanto o Narciso negro, olhos faiscantes de leopardo arisco, evolui em passos rítmico-escultóricos, cinzelados mas cinéticos. Vozes hieráticas pontuam com parcas e poéticas palavras o desenrolar do drama sintático-videográfico. Finalmente, o momento metamórfico: Narciso, auto-apaixonado, abisma-se na água, erotizado por seu próprio reflexo especular, enquanto a rejeitada ninfa Eco desespera-se entre as voláteis companheiras. São aqueles versos com que “trans-criei” em brasilianês o latim ovidiano:

“Topázion-flor”, já exclamara o fileleno Souzaândrade.

Diante deste belo trabalho de Josette Monzani — primícias destramente sazoadas —, só nos resta, refeitos do alubrimento, augurar-lhe novos êxitos nesse difícil roteiro cinepoemavídeo, domínio talvez, por ora, reservado, mas que o espectador, empenhado em “ver com olhos livres”, saberá perlongar visualmente num enriquecedor trânsito gozoso.

Haroldo de Campos é poeta laureado com menções honrosas e prêmios internacionais; crítico, professor emérito da PUC-SP; membro honorário de *Galáxia*; autor de uma vasta produção poética, teórica e crítica.